



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de premiação da etapa nacional da Olimpíada de Língua Portuguesa “Escrevendo o Futuro”

Museu Nacional de Brasília – Brasília-DF, 29 de novembro de 2010

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Meu caro amigo Roberto Setubal, presidente do Banco Itaú e da Fundação Itaú Social,

E nossa querida amiga Maria Alice Setubal, presidente do Centro de Estudos e Pesquisa de Educação, Cultura e Ações Sociais – Cenpec,

Queridas e queridos professores e professoras,

Queridas e queridos alunos,

Pais e mães aqui presentes,

Nossos queridos (incompreensível) e (incompreensível),

Nossa querida Adriana Calcanhoto,

Meus amigos,

Minhas amigas,

Companheiras e companheiros,

Eu, Fernando, não vou fazer discurso. Eu acho que o dia para mim, hoje, bastou, porque eu vivi uma semana muito rica de emoções na área da Educação. Eu cheguei em Brasília segunda-feira passada e estavam no aeroporto, na Base Aérea os alunos de uma escola de tempo integral da cidade de Palmas, do estado de Tocantins. E esses alunos vieram com uma orquestra e uma fanfarra que deram o nome da minha mãe. E eu fiquei muito emocionado, porque nós fizemos um pouco e, certamente, a Dilma vai fazer muito mais, porque nós já concretizamos dez mil escolas brasileiras em tempo integral, 2 milhões e 200 mil alunos já estão na escola, e todos eles fazendo



música também. Significa que, daqui a pouco, quem quiser ver um grande concerto não tem que ir mais a Viena, vá a Palmas, vá a qualquer estado deste país que vai assistir o que bem entender, porque a Dilma se comprometeu a fazer mais 32 mil escolas de tempo integral, e nós vamos caminhando para ter todas as escolas em tempo integral neste país.

A segunda coisa, a segunda coisa é que o Fernando Haddad me proporcionou, hoje, um outro momento de muita alegria. Hoje foi um dia em que nós inauguramos, de uma única vez, 30 escolas técnicas no Brasil e 25 campi. Nós vamos terminar o mandato inaugurando 126 campi avançados neste país, interiorizando as universidades e fazendo 14 universidades federais novas e, ao mesmo tempo, nós estamos muito alegres, porque uma das professoras que ganhou o prêmio é uma companheira aqui de Brasília, que se formou no ProUni, e ela me disse: “Graças ao ProUni eu consegui fazer faculdade e graças ao ProUni eu ganhei esta medalha aqui”; e agora, vocês.

Eu, sinceramente, acho que o dia de hoje, para mim, eu vou fazer a reunião lá muito rápida, Fernando, porque nós vamos discutir o Plano de Educação 2010-2020, que eu quero apresentar logo. Obviamente que vamos conversar com a companheira Dilma, mas sou eu que tenho que apresentar o Plano ainda neste ano.

Essas Olimpíadas, para mim, tem um valor sagrado, porque... Primeiro, foi a de Matemática. Um desafio, uma descrença nas escolas públicas brasileiras, porque houve um tempo em que as escolas públicas não estavam dando aula com a qualidade razoável, a classe média brasileira foi saindo para as escolas privadas, e foi piorando a escola pública, foi piorando. Como é que você pode querer ter uma universidade de qualidade se você não tiver uma escola pública, no ensino fundamental, de qualidade. E é uma coisa, no Brasil, absurda. Na década de 50 e na década de 60, as grandes escolas brasileiras, os grandes intelectuais brasileiros estudaram em escola pública no ensino fundamental e, depois, estudavam também em escolas públicas quando iam



fazer universidades. Agora houve uma inversão, uma inversão gravíssima, Roberto. É que hoje a parte que tem mais possibilidade na sociedade coloca o seu filho para fazer o ensino fundamental em uma escola privada; a parte mais pobre fica na escola pública. Quando chega ao ensino universitário, há uma inversão: quem estudou em uma boa escola pública [privada] vai para universidade pública, e quem estudou numa escola pública no ensino fundamental vai para uma escola privada. Ou seja, quem pode pagar vai estudar de graça; quem não pode pagar vai pagar para estudar. Essa é uma loucura, uma loucura que nós começamos a mudar.

Começamos a mudar com a construção de 14 universidades federais novas. A última que eu vou lançar a pedra fundamental... aí já seriam... é a de Redenção, que é uma universidade na cidade do Ceará, que é uma universidade afro-brasileira. Já começamos as aulas na Universidade da América Latina [Universidade Federal da Integração Latino-Americana], e eu ainda sonho que, no próximo governo, a gente tenha uma universidade de Medicina na região mais pobre do país, para gente formar médico, conhecendo a realidade das regiões mais pobres deste país.

Pois bem, nós começamos a mudar. Quando nós decidimos fazer o Reuni, quando o Fernando Haddad me trouxe a proposta do Reuni, eu achei que era uma coisa simples. Nós queríamos fazer uma compensação para as universidades, aportar um pouco mais de recurso, desde que as nossas universidades pudessem ter, em média, por professor, em vez de 12 alunos, 18 alunos, como era na França. Eis que, Roberto, houve uma reação, uma reação absurda de uma pequena parte de estudantes, que quebraram muitas reitorias porque não queriam que a gente aumentasse de 12... de 12 para 18 alunos. Graças a Deus, nós conseguimos vencer o debate, e nós, que renovávamos apenas 113 mil alunos por ano, já neste ano vamos renovar 229 mil alunos por ano, ou seja, nós mais do que dobramos a renovação nas federais, só por conta do Reuni. Esse é um fato extraordinário.



A segunda coisa foi o ProUni. O ProUni foi a grande invenção do Fernando Haddad. Ele, orgulhosamente, não tem vergonha de dizer que foi ideia da mulher dele – porque, normalmente, quando é a mulher que tem ideia, o homem se apodera, faz... pratica um pouco de plágio e fala que é dele. Mas ele, publicamente, reconheceu que foi a mulher dele que pensou o ProUni, e o ProUni já colocou 704 mil alunos na universidade. E ele estava contando da primeira formatura que nós participamos dos estudantes de Medicina, dos médicos do ProUni, dos quais 40% deles são meninos e meninas negras. Ou seja, possivelmente o ProUni tenha, na universidade, mais alunos do que o Brasil tem desde que construiu a primeira universidade neste país. Ou seja, uma demonstração de que nós estamos acabando, definitivamente, com a segregação de uma parcela da sociedade.

E agora, uma outra coisa importante que fez o companheiro Fernando Haddad, que nós acabamos de aprovar, que é o Fies, ou seja, o financiamento para jovens pobres que querem estudar era sempre complicado, porque não tem fiador, ninguém quer ser fiador, não é? Quando você pega um companheiro seu, que é seu companheiro, você chega e fala: “Ô companheiro Fernando Haddad, eu aluguei uma casa ali e eu preciso de um fiador. Você pode ser?”. O Fernando Haddad fala: “Eu vou falar com a minha mulher, amanhã te dou a resposta”. Eu já sei que a resposta, no dia seguinte, é não: “Ah, a minha mulher não quer deixar, porque se você não pagar eu vou ter que pagar”, porque, na verdade, um fiador termina sendo um filho a mais que você arruma.

Então, o que nós fizemos? Acabamos com a figura do fiador. Quem vai assegurar, agora, o Fies é o Estado brasileiro que vai garantir que cada jovem possa estudar. Eu posso orgulhosamente, eu posso orgulhosamente olhar na cara de cada menino e de cada menina que concorreu a essa Olimpíada e dizer para vocês: qualquer um de vocês... Deus queira que todos possam entrar na universidade pública, Deus queira, mas se não conseguir entrar



porque não passou no Enem, não tem problema. Vocês vão estudar em uma universidade particular, vão pegar financiamento, vão demorar o dobro, o dobro, ou seja... o triplo, vocês vão ter uma carência, se o curso for de quatro anos, vocês vão ficar 12 anos sem pagar, para depois começar a pagar. E vocês vão pagar apenas R\$ 50,00 a cada trimestre, para fazer qualquer curso em qualquer universidade deste país. É importante vocês ficarem atentos para isso. É preciso ficar atento, é preciso ficar atendo porque já foi tomada a decisão, já foi aprovado, já tem a resolução. É só preciso saber se agora a burocracia vai deixando as coisas acontecerem.

Mas nós queremos dizer em alto e bom som que nós estamos caminhando para, neste país, não ter um único ser vivo deste país que diga: “Eu não estudei porque não tinha dinheiro”. Se não tiver condições de entrar na pública, vai estudar onde ele quiser, na [universidade] privada, e vai ter bolsa para financiar, e ele só vai começar a pagar depois do dobro [triplo] dos anos que ele se formar. Se ele tiver um curso de cinco anos, ele vai demorar 15 anos para começar a pagar.

Então, é importante ter claro. E a companheira Dilma sabe disso, participou disso e essa é uma coisa que é uma revolução que nós queremos fazer, neste país. Uma verdadeira revolução, porque nós cansamos de ser tratados como cidadãos de segunda classe, e a educação é o que vai elevar este país a ser tratado como um país de primeira classe.

A última coisa é a Olimpíada de Português. Eu, de vez em quando, lia nos jornais assim: “Os estudantes brasileiros não conseguem aprender Português”; “O nível de Português é muito baixo nas escolas públicas brasileiras”; “A criança passou para a quarta série e não conseguiu aprender Português”. Eu cansava de ver essas notícias, e eu falava: Não é possível, não é possível! Porque eu sempre achei, Fernando Haddad, que todo ser humano é tocado a motivações. Você precisa motivar a pessoa a fazer alguma coisa, e a Olimpíada da Matemática, ela foi uma coisa que me motivou, porque, quando



nós a pensamos, em 2004 – estavam o Fernando Haddad e o Tarso Genro –, apareceu muita gente que falou pra mim: “Ah, Presidente, escola pública, Olimpíada da Matemática? Não vai dar certo. Os alunos de escolas públicas não gostam disso, os professores não gostam disso”. Aquele negócio de “Perdi sem jogar”, “Fui derrotado sem lutar”. Vamos tentar? “Vamos tentar”. Conclusão: quando nós começamos, nós tínhamos 274 mil alunos de escola privada fazendo Olimpíada de Matemática; a Argentina tinha por volta de 1,2 milhão de alunos; os Estados Unidos tinham 6 milhões de alunos fazendo Olimpíadas de Matemática. Hoje o Brasil tem 20 milhões de alunos fazendo Olimpíadas, e o que é importante é que muitos alunos querem ir para escola aos sábados e domingos para poder aprender Matemática, e os professores estão participando de forma extraordinária, e nós, então, hoje, já somos o país que tem a maior Olimpíada do mundo, do mundo. A maior Olimpíada.

Aí, eu falei para o Fernando Haddad: Agora eu quero fazer de Português e de Ciências. Eu quero fazer de Português e de Ciências. Essas coisas o Presidente fala, mas quem tem que executar são eles, e o Fernando me disse: “Olha, não dá para fazer a mesma coisa que a gente fez com a Matemática, é preciso encontrar uma fórmula”, e encontrou na Fundação Itaú. Está aí o sucesso: sete milhões de pessoas participando, milhares de professores engajados, e eu aprendi uma coisa com a Suely Druck, da Matemática. Ela me disse: “Presidente, ponha na sua cabeça o seguinte: se a professora e o professor não gostarem da matéria que eles dão, os alunos terão dificuldade de aprender, ou seja, os professores têm que gostar”. E foi isso que eu vi aqui, foi isso que eu vi aqui: a emoção.

Eu queria dar um recado. Teve uma menina que ganhou, e ela estava chorando. Em 2008, Roberto, quando a gente estava entregando, ela concorreu e não ganhou. Então, ela diz que se aplicou mais e hoje ela ganhou. É importante ganhar. Mas, veja, se não ganhar, não tem problema, não diminui ninguém. Vocês viram quantas eleições eu perdi? Perdi um monte, e eu nunca



desanimei, eu nunca desanimei. Então, o que eu queria pedir para vocês, sobretudo para as nossas jovens... Você viu que maravilha aquela menina de 17 anos que vai dar à luz em janeiro? Em janeiro. Uma outra que ganhou, já tem dois filhos. Esse pessoal trabalha! Eu acho que é o milagre da economia brasileira. Então, é o verdadeiro espetáculo do crescimento. Então, eu queria dizer para vocês que não venceram, que vocês não desanimem, se preparem. Disputem, porque a alegria que vocês transmitiram aqui hoje, independentemente de ganhar... E quero parabenizar a vocês que não permitem que os alunos saibam quem ganhou até chegar aqui. É como se fosse um programa de auditório em que você vem para cá para saber se vão ganhar ou não.

Então, eu quero dizer o seguinte, olha: não há espaço na vida de um jovem, de um adolescente, para desanimar. Quando está na minha idade, aí já começa a desanimar, porque a gente já está mais perto do céu do que da terra. Mas vocês, vocês estão começando a vida agora, gente, vocês estão começando agora. Então, vocês têm que aproveitar esse momento e dedicar, o máximo que vocês puderem, para estudar. Vocês vão perceber como isso vai facilitar a vida de vocês daqui a dez anos, daqui a doze anos. Vocês vão se transformar em profissionais competentes, pessoas bem formadas. Porque o Brasil não vai continuar a vida inteira exportando minério de ferro, soja, mandioca, não vai. Nós queremos exportar é conhecimento, é inteligência, é tecnologia de ponta.

Portanto, eu queria, Fernando Haddad, lhe dar os parabéns, dar os parabéns à Fundação Itaú, ao Cenpec e, sobretudo, dizer para vocês: um presidente que é presidente de um povo porreta como vocês só pode dar certo!

Um abraço e até a próxima Olimpíada, se Deus quiser.

(\$211A)